

**ANÁLISE DO DISCURSO POLÊMICO:  
A CRISE AMBIENTAL SOB O OLHAR APOCALÍPTICO  
DO PASTOR SILAS MALAFAIA**

*Edivaldo Cristiano dos Santos Souza* (IFF/UERJ)

[edivaldocristiano@globocom](mailto:edivaldocristiano@globocom)

*Rozana Quintanilha Gomes Souza* (IFF/UENF)

[rozanaquintanilhags@gmail.com](mailto:rozanaquintanilhags@gmail.com)

**RESUMO**

O presente trabalho é baseado no pressuposto religioso de que as catástrofes ambientais da atualidade são sinais inequívocos da proximidade do fim dos tempos. Dessa forma, sendo o fim dos tempos uma profecia, ou seja, um plano de Deus a ser inexoravelmente cumprido, qual sentido teria, nesse contexto, o discurso ambientalista? Por que preservar algo predestinado a acabar? Nessa reflexão sobre os problemas ambientais da atualidade relacionados aos sinais bíblicos do fim dos tempos, analisamos o discurso polêmico do Pastor Silas Malafaia, referência e liderança entre os cristãos evangélicos. Tomamos como *corpus* da pesquisa, um texto divulgado por esse pastor em seu *blog*. Como referencial teórico-metodológico, utilizamos a análise do discurso com base nos pressupostos defendidos por Dominique Maingueneau (2010). Como objetivo, buscamos analisar como o discurso instituído religioso se autolegitima apesar de todo avanço científico dos nossos tempos.

**Palavras-chave:** Análise do discurso. Discurso religioso.

**Crise ambiental. Fim dos tempos. Discurso polêmico.**

**1. Introdução**

Acreditar que nos dias atuais, considerando todo avanço científico das últimas décadas, ainda existam pessoas que seriamente creem na profecia bíblica do juízo final, pode parecer algo anacrônico em relação ao pensamento laico dominante. No entanto, o interesse das pessoas, na atualidade, sobre assuntos relativos ao final apocalíptico do planeta, demonstra exatamente o contrário: a sobrevivência pujante dessa antiga crença nos nossos dias atuais. É o que, em suas palavras, Umberto Eco (In: DAVID & LENOIR, 1999, p. 11) confirma:

muitos dos nossos contemporâneos têm a sensação de viver uma época imprevisível e receiam mais ou menos confusamente uma grande catástrofe. A tiragem espetacular das reimpressões das profecias de Nostradamus que prediziam o fim do mundo, a inquietude suscitada pelo anúncio de um eclipse solar ocorrido em 11 de agosto de 1999, o sucesso mundial de um Código secreto da Bíblia que previa o Apocalipse para a virada do século, os êxitos de bilhe-

teria de filmes-catástrofe como Armagedon (expressão bíblica que significa o “fim dos tempos”) são outras tantas revelações de uma surda angústia.

Fruto da insegurança humana, a crença na finitude planetária, cresce assustadoramente em períodos de horror e opressão coletiva.

A ideia de que todos sofreremos, mas seremos vingados no fim por uma força maior, tem um apelo evidente para consolar os sofredores. Isso explica por que, nos Estados Unidos, a onda do fim do mundo só pegou para valer agora – em meio à crise econômica e ao medo do terrorismo –, e não na virada do milênio, quando o país surfava nos dólares da nova economia. (...) Os sociólogos gostam de associar a ideia do fim do mundo a períodos de crise e de grandes mudanças. A humanidade viveu décadas à sombra de um possível holocausto nuclear em função da Guerra Fria, entre Estados Unidos e União Soviética. Com o fim da União Soviética, o perigo parecia ter desaparecido. O ataque da Al Qaeda foi a faísca que reacendeu o temor. (BERNARDES, 2002)

A falta de perspectivas em relação ao futuro faz com que muitas pessoas depositem as suas esperanças no fim do mundo. Isso demonstra uma profunda preocupação com a continuidade existencial da espécie humana, em detrimento da continuidade existencial do meio ambiente. Em outras palavras, significa dizer que o advento do fim do mundo, mesmo que de forma inconsciente, pode suscitar nas pessoas um sentimento de indiferença em relação ao futuro ambiental. O pensamento lógico que se esconde por detrás dessa provável indiferença com o futuro da natureza é o seguinte: se o mundo vai acabar, para que nos preocuparmos com questões ambientais, se tudo mais, juntamente com o planeta, será destruído?

Esse pensamento, por mais distante da atualidade que possa parecer, sempre esteve guardado nos fundamentos da tradição cristã e ainda influencia a realidade de um grande número de pessoas que nele acreditam. James Watt, secretário do Interior do governo de Ronald Reagan, ouviu certa vez, numa reunião sobre meio ambiente, que era preciso cuidar do planeta para as gerações futuras. Respondeu: “*Não sei quantas gerações existirão até que o Senhor retorne*”. (BERNARDES, 2002)

Diante desse quadro, e considerando, portanto, que o fim dos tempos é o mesmo que uma absoluta finitude do mundo material, ele significa, em termos ambientais, a destruição planetária. É esta visão catastrófica<sup>34</sup>, de fim de mundo, que grande parte da comunidade cristã, que crê seriamente nesses desígnios escatológicos, tem do fim da história.

---

<sup>34</sup> O acontecimento catastrófico do fim dos tempos é minuciosamente relatado no Livro do Apocalipse (escrito pelo Apóstolo João), parte integrante do Novo Testamento - Bíblia Cristã.

Convivendo então com a certeza futura de uma finitude ambiental, essas pessoas não encontrariam razões, até por uma questão de bom senso, para se preocuparem com as questões ambientais. O problema que surge diante desse quadro é: Qual o sentido lógico de se preservar um meio ambiente, cujas pessoas acreditam, por convicção religiosa, que estaria na iminência de ser destruído por Deus? Como poderia haver espírito de preservação sobre algo prestes a ser destruído?

## **2. O polêmico e a polêmica crise ambiental**

Toma-se como corpus dessa pesquisa o texto divulgado no blog do Pr. Silas Malafaia sobre essa temática. Seu discurso religioso relacionado à crise ambiental é polêmico, uma vez que atende ao princípio superior de uma temática autorizada por ser de interesse coletivo e por apreender três dimensões: 1. Quanto à dimensão enunciativo-pragmática implica uma força ilocucional e teatral num tom de desqualificar o adversário; 2. Quanto à dimensão sociogenérica, requer uma análise do discurso situado num espaço sócio-histórico por um veículo de ampla proliferação desses embates polêmicos; 3. Quanto à dimensão semântica, demanda uma reflexão subjetiva de ordem filosófica, socioambiental, religiosa e histórica.

Essa temática associa a polêmica em torno da crise ambiental ao discurso polêmico religioso representado pelas declarações do Pr. Silas Malafaia em seu *blog*<sup>35</sup> no dia 29 de janeiro de 2014. Este texto do *blog* oferece uma exemplificação do discurso polêmico religioso relacionado aos problemas ambientais:

### **Catástrofes naturais são sinais da ira de Deus?**

Terremotos, tornados, tsunamis, tempestades, deslizamentos, aquecimento global. Este é só o começo de uma vasta lista de catástrofes naturais que o mundo tem acompanhado nos últimos anos. Nunca se viu mudanças tão rápidas e com efeitos tão devastadores como nos dias de hoje. Mas, por que tudo tem de ser considerado castigo divino ou ação diabólica?

As leis da natureza explicam os desastres naturais. O maior responsável pelo desequilíbrio ambiental é o ser humano. A poluição dos rios e mares, o

---

<sup>35</sup> [http://www.advitoriaemcristo.org/siteEdit/site/advect/blog-posts.cfm?cod\\_secao=1&cod\\_subsecao=180](http://www.advitoriaemcristo.org/siteEdit/site/advect/blog-posts.cfm?cod_secao=1&cod_subsecao=180)

desmatamento, as construções irregulares em encostas, os lixos jogados na mata e o aumento da emissão dos gases gerando o efeito estufa, ações provocadas pelo homem, são os principais agentes de tantas calamidades e tristeza.

Segundo o representante da Swiss Re Brasil, Rolf Steiner, autor da palestra Meio Ambiente e Seguros de Catástrofes, os efeitos das catástrofes naturais são agravados pelas ações humanas por meio de comportamentos inconsequentes e negligentes, como a impermeabilização dos solos e as construções em leitos de cheias. Ele ainda informou que as dez piores catástrofes naturais registradas ao longo de 2010 ocorreram nos países em desenvolvimento, deixando um rastro de quase 300 mil mortos ou desaparecidos.

Durante muitos séculos, as catástrofes (sismos, erupção de vulcões, furacões, cheias) eram menos comuns, mas a revolução industrial, que aumentou a emissão de gases tóxicos e o despejo de poluentes no meio ambiente, provocou um aumento considerável de catástrofes súbitas. Esses cataclismos imprevisíveis resultam em prejuízo humano, na morte de várias vítimas inocentes, bem como em prejuízos econômicos, visto que, por vezes, cidades inteiras e toda a sua infraestrutura são destruídas.

Quantas vezes você já assistiu na televisão a reportagens sobre o grande número de animais mortos no leito seco dos rios, ou então sobre o derretimento das geleiras, o que aumenta o nível do mar? Se o ser humano respeitasse as leis da natureza, a biodiversidade não seria prejudicada, e a frequência de desastres naturais seria infinitamente menor.

É claro que Deus é absolutamente soberano e tem o controle de todas as coisas, mas isso não significa que é Ele quem produz os desastres, a fim de castigar a humanidade, como fez enviando o Dilúvio, para inundar a terra (Gênesis 6), e fogo em enxofre, para destruir Sodoma e Gomorra (Gênesis 19). Também não se pode afirmar que esses desastres sejam obras malignas, como vemos em Jó 1.16,19, embora eles sejam um sinal do fim dos tempos, o princípio das dores, conforme revelado em Mateus 24.6-8.

O polêmico Pr. Silas Malafaia traz a controvérsia em seu discurso. Nas palavras do enunciador, o modo de falar denuncia uma maneira de ser. Apontam-se, nesse discurso, traços do polêmico como constitutivo de uma identidade que representa um credo religioso. Vale destacar que a intenção desta análise é verificar a maneira de falar do enunciador relacionada à conduta do polêmico. Busca-se verificar a disposição do enunciador em se colocar numa situação de debate recorrente no qual se associa os problemas ambientais à crença no fim dos tempos.

O primeiro traço que chama a atenção nesse discurso de Malafaia é a enumeração de uma “lista de catástrofes da naturais”, onde alguns exemplos de ações que são de motivação antrópica são citadas como de motivação natural, por exemplo, o “aquecimento global”. Percebe-se que não há uma fundamentação lógica e nem apropriação de conhecimentos na área ambiental para tamanha veemência.

O segundo traço que chama atenção é a forma como ele valoriza as catástrofes ambientais ocorridas nos últimos tempos (“Este é só o começo de uma vasta lista de catástrofes” ou “Nunca se viu mudanças tão rápidas”). Esse modo apocalíptico, ameaçador e urgente de dizer, confirma o tom que se quer dá ao discurso sobre a iminência do fim dos tempos. Esse traço enunciativo sócio-histórico está ligado a uma determinada conjuntura e a uma temática que suscita interesse coletivo, e que confere com a dimensão sociogenérica do discurso polêmico.

O marcador discursivo de refutação (“mas”), considerado característico do polêmico, que segue nesse mesmo enunciado, estabelece uma relação de oposição ao dito anterior por meio de uma pergunta feita por um dito constituído (“por que tudo tem de ser considerado castigo divino ou ação diabólica?”), evidenciando uma voz que representa um grupo religioso, no qual ele representa e que é intensificada pela crise ambiental da atualidade. Com essa indagação em tom de indignação, o destinador quer isentar Deus de uma acusação de ira sobre a humanidade. Por outro lado, percebe-se que ele não nega nem afirma, prefere lançar a interrogação, trazendo à tona uma questão de forma a desestabilizar o oponente, utilizando-se do aspecto prático da fala de forma arrojada, que confere com a dimensão enunciativo-pragmática do discurso polêmico.

Nesse discurso, Malafaia se apoia em vozes externas (“Rolf Steiner, autor da palestra Meio Ambiente e Seguros de Catástrofes”) e em fatos históricos (“revolução industrial”) para legitimar sua retórica argumentativa, e, ao associar as “catástrofes naturais” à “revolução industrial”, confunde, novamente, ações de motivação antrópica com as de motivação natural.

Essa sensibilização que ele faz transparecer em “imprevisíveis”, “prejuízo humano”, “morte de várias vítimas inocentes”, “prejuízos econômicos”, “cidades inteiras e toda a sua infraestrutura destruídas” tem uma intencionalidade - a de induzir o pensamento de que Deus é bom e, por isso, Ele não seria capaz de lançar sua ira sobre os homens dessa maneira cruel.

No enunciado “Quantas vezes você já assistiu na televisão a reportagens...?”, ele comenta as notícias divulgadas pela TV em forma de pergunta para chamar a atenção para a realidade dos fatos, ou seja, não é ele quem diz, são os fatos. O marcador discursivo “se” condicional é conveniente para o tom autoritário do polemista e atribui ao homem a responsabilidade pelos “desastres naturais”, ao afirmar que “Se o homem

respeitasse a natureza, a biodiversidade não seria prejudicada, e a frequência de desastres naturais seria infinitamente menor”.

Quando no discurso ele afirma que “Deus é absolutamente soberano e tem o controle de todas as coisas”, mas que “não significa que é Ele quem produz os desastres”, inferimos, no mínimo, que ele permitiu e, mais do que isso, concordou que “cidades inteiras” fossem “destruídas”, uma vez que Ele é “soberano” e tem o “controle”.

As citações da bíblia, nesse discurso, que remetem a episódios da ira de Deus, como “Dilúvio”, “Sodoma e Gomorra”, buscam comprovar que Deus já demonstrou, em momentos no passado, que é capaz de mostrar sua ira e, ao atestar o número dos capítulos e dos versículos da bíblia (“Gênesis 6”, “Mateus 24:6-8”) pretende demonstrar legitimidade, autoridade e cumplicidade da bíblia para o que está sendo dito.

O marcador discursivo “também” estabelece uma relação de soma em relação à oração anterior, colocando a “ira de Deus” e as “obras malignas” num mesmo conjunto a ser descartado como hipóteses da causa dos “desastres” (ambientais) da atualidade. Nesse sentido, não sendo uma hipótese nem outra, ele pretende apontar o homem como único responsável pelos problemas ambientais, isentando Deus e, por incrível que pareça, também o diabo. No entanto, mesmo restringindo ao homem a posição de autor das “catástrofes naturais”, isso, contraditoriamente a ideia que Malafaia pretendeu impor, representaria o cumprimento de uma profecia concebida por Deus.

O marcador “embora”, ao estabelecer uma relação de oposição, contrariedade e adversidade, contradiz todo o enunciado ao longo do corpo do texto, anulando, assim, o discurso da inocentação de Deus.

Finalmente, posicionado na última frase do discurso, o enunciado “embora eles (‘os desastres’) sejam um sinal do fim dos tempos”, contradiz o discurso da isenção de Deus em relação às “catástrofes naturais”, pois quando o pastor usa o marcador discursivo “embora”, admite que o que está em curso nada mais é do que a concretização do plano divino.

### **3. Considerações finais**

A análise do discurso religioso polêmico, por meio das palavras do Pastor Silas Malafaia, permite dizer que o tom da enunciação revela uma voz que se considera superior e autorizada não apenas pela função

de pastor que exerce na igreja, mas por representar um grupo que elogia e admira os traços desafiador, assertivo e arrogante característicos do polêmico. A falta de fundamentação lógica é camuflada pela teatralidade pragmática que impõe à fala.

Quando se apreendeu o discurso religioso em seu plano semântico e identitário, vislumbrou-se uma contradição nos pontos sustentados no percurso discursivo do pastor: de que toda profecia é um plano de Deus e, por essa essência, será, inexoravelmente, cumprida. Logo, por tratar-se de uma profecia, independentemente de quem a executa, ela, para os que creem, será executada. Portanto, pode-se depreender que a questão que menos importa aqui é identificar a autoria, ou seja, se for o homem ou Deus o causador das “catástrofes” ambientais, a profecia, de qualquer forma será cumprida.

No entanto, nesse contexto, o homem não faz nada além do que realizar a vontade divina. Sendo assim, o homem é, por um lado, o agente da história, já que é através dele que Deus realiza os seus planos; por outro, Deus é quem é o agente da história, já que é ele quem orienta (e reorienta) a ação humana.

O que não foi dito pelo pastor, mas está nas entrelinhas do seu discurso, e é primordial para essa análise, é que, se “Deus é absolutamente soberano” e tem “um controle de todas as coisas”, é dele o plano executado pelo homem. Nesse sentido, pode até não ser Ele o executor, mas é Dele a autoria do plano, ou melhor, da profecia. As “catástrofes” ambientais, a partir desse aspecto particular, são interpretadas como mera consequência da providência divina, como sendo um sinal da proximidade da realização da profecia bíblica do fim dos tempos.

A interferência da providência divina no curso da história representa, nesse caso, para aqueles que assim creem, a compreensão de que o processo histórico é regido por uma lógica própria que utiliza os homens (e seus feitos), como meio para atingir Seus fins. Nesse viés, Deus interferindo em determinados momentos, corrige o curso da história, recolocando a humanidade no caminho por Ele planejado.

Os feitos das sociedades, dos homens, dos indivíduos, são, na verdade, orientados por uma consciência divina, o que, visto de outra forma, significa dizer que os homens agem impelidos por uma força externa, da qual eles mesmos, os agentes, embora determinados a agir pela própria vontade, não têm consciência da finalidade última das suas próprias ações no contexto amplo da história.

Discutir e aprofundar as relações entre o credo religioso e a consciência ambiental, tendo em vista a urgência, complexidade e questionamentos que envolvem esse tema, torna essa análise do discurso polêmico relevante para os problemas ambientais da atualidade.

Pode-se concluir que os líderes religiosos se utilizam de argumentos (polêmicos) que julgam ser convincentes e suficientes para lidar com uma questão que é consensual – a da importância da preservação ambiental. Mas, mesmo querendo se mostrar atualizado, politicamente correto e consciente, devido à realidade imposta pelo mundo moderno, Malafaia endossa a profecia de Deus de que a crise ambiental é um dos sinais do fim dos tempos, revelando que o discurso instituído religioso se autolegitima e se perpetua apesar do avanço científico na atualidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDES, Ernesto. Apocalipse. *Revista Época*, edição n. 224, 02 set. 2002.

*BÍBLIA Sagrada (A)*. Tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

DAVID, Catherine; LENOIR, Frederic. (Orgs.). *Entrevistas sobre o fim dos tempos*. (Entrevistados: Jean Delumeau, Umberto Eco, Stephen Jay Gould e Jean-Claude Carrière). Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza e Silva. São Paulo: Parábola, 2010.

MALAFAIA, Silas. *Catástrofes naturais são sinais da ira de Deus?* Rio de Janeiro: Blogs, jan. 2014. Disponível em:

<[http://www.advitoriaemcristo.org/siteEdit/site/advec/blog-posts.cfm?cod\\_secao=1&cod\\_subsecao=180](http://www.advitoriaemcristo.org/siteEdit/site/advec/blog-posts.cfm?cod_secao=1&cod_subsecao=180)>. Acesso em: 27-01-2016.